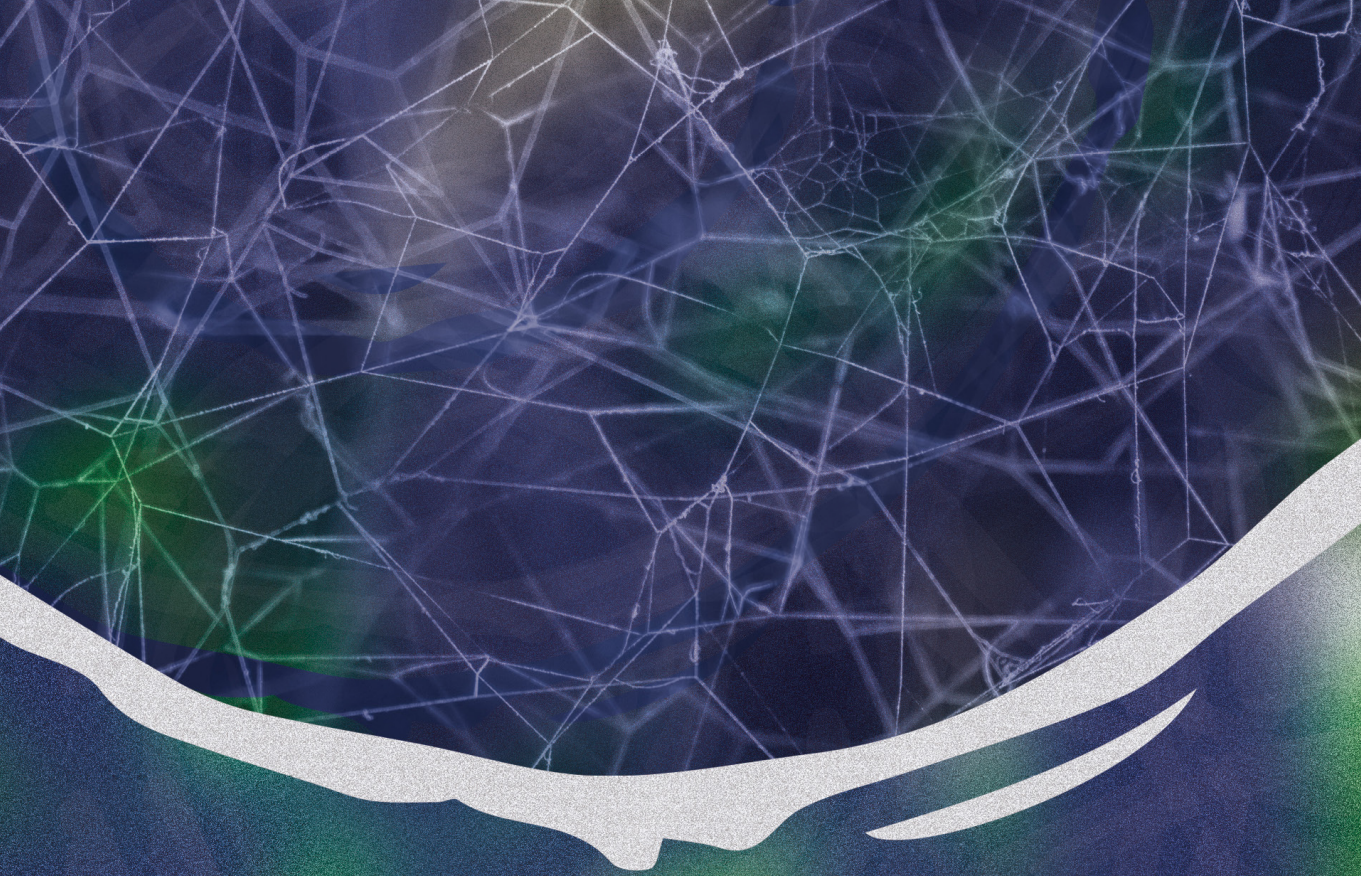


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 4 – Escolas

Carla: a experiência de uma recém-formada em Pedagogia

Ester Sandes Camargo

Passadas as férias escolares do início do ano, a professora Carla, recém-formada em Pedagogia e recém-concursada da Secretaria de Educação do Distrito Federal, está em um misto de emoções. Encontra-se aflita, ansiosa, preocupada, alegre e receosa ao mesmo tempo. Ela se encontra cheia de expectativas para colocar em prática todos os aprendizados adquiridos durante seus anos de formação e, claro, desejando aprender coisas novas. Ao saber, então, que ela agora é oficialmente professora e que atuará em uma escola de ensino fundamental, Carla espera ansiosamente para o seu primeiro dia "ensinando" alguém.

Corridos seus primeiros dias na instituição escolar, a professora ainda continua em um conjunto de sentimentos, com os quais ela tenta lidar. Mas que agora se tornaram mais aflorados e intensos, devido ao seu contato direto com seus alunos. Eles possuem comportamentos, pensamentos e gostos diferentes. Ou seja, ela agora "enfrenta", digamos assim, indivíduos totalmente distintos uns dos outros em um espaço chamado "sala de aula". A docente então começa a "encarar", diariamente, o choque de culturas existentes na sociedade. Ela percebe empiricamente que, em um espaço delimitado, chamado escola, esse "choque" pode se intensificar.

Em uma aula extracurricular de culinária, Carla cede seu "lugar" para o professor de Gastronomia, Antônio Carlos. Ele começa tranquilamente a ministrar sua aula para os alunos, que em média possuem idades de nove a 10 anos. Em um certo momento, Antônio começa a ensinar uma receita de bolo de chocolate e se depara com uma fala de uma aluna, que diz: "professor, eu não aprendi dessa maneira, minha mãe me ensinou a fazer de outro jeito, do jeito que minha avó a ensinou". Pedro, logo em sequência, diz que hoje ele sabe fazer bolo, graças a seu avô que o ensinou quando tinha sete anos.

Carla, então, que naquele dia resolveu observar a aula de culinária, se lembrou das suas aulas de Antropologia e Educação. Lembrou, especificadamente, uma de suas leituras, o texto de Carlos Brandão – "Educação? Educações: aprender com o índio" (1985). Nesse texto, Brandão vai dizer que:

> Não há uma forma única nem um único modelo de Educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. (Brandão, 1985, p.9).

Ali, Carla teve a experiência desse texto. Ela viu claramente que a escola não é o único lugar onde se produz educação. E que o professor não é o único que pode ensiná-la e transmiti-la. E, sim, que ela também pode ser produzida, como no contexto apresentado, nos lares e através de outros indivíduos. Outra questão a ser posta é o fato de que a educação de um indivíduo, no seu contexto geral, não é formada apenas de conteúdos teóricos, mas de um conjunto de conhecimentos, sejam eles culturais sejam espirituais. Com essa situação, vêm à tona na mente da professora os debates que eram apresentados pelo seu professor acerca de vários assuntos relacionados à Antropologia e Educação. Carla se recorda, então, de uma das falas de sua colega Rayssa nesses debates, quando ela contou sobre quantas coisas ela aprendeu com a sua avó e que foram importantes para sua expansão e autonomia.

É por isso que Brandão coloca que "ninguém escapa da educação". A professora, dessa maneira, vivenciou de fato, naquele dia, essa fala de Brandão. Mesmo sendo em uma "pequena" situação, que, vista aos olhos de outros, poderia não significar nada, para Carla, significou a vivência daquilo que um dia ela estudou em sua formação acadêmica.

A aula de culinária termina e Carla, após sua reflexão, volta a dar sua aula. Passaram-se os dias, alguns meses, e é chegada a semana em que se comemora o dia do índio, celebrado no dia 19 de abril. Como é de costume, em pelo menos algumas escolas, são feitas atividades pedagógicas e lúdicas para celebrar a importância desse dia. Com isso, para agregar ainda mais a essa data, a professora propõe aos seus alunos que pesquisem, estudem e tragam curiosidades acerca dos povos indígenas existentes no Brasil atualmente. E para tornar mais interessante, ela desafia seus alunos a trazerem algum alimento, alguma dança, objeto ou algo que represente fortemente aquele povo indígena em específico.

O propósito da atividade da professora estava em transmitir aos seus alunos, aproveitando a data "comemorativa", o conceito de cultura. Usando como base o livro de José Luiz dos Santos, no qual esse autor pontua:

> Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas. (Santos, 1994, p. 8).

Carla queria fazer os seus alunos entenderem que cada cultura é o resultado de longos conflitos durante o seu decurso na sociedade. E que com a cultura indígena isso não é diferente, que até mesmo dentro dela existe uma diversidade cultural gigante. Assim, a atividade proposta por ela seria dividir seus alunos em grupos, a fim de mostrar essa diversidade cultural existente dentro da "cultura indígena". É chegado o dia da apresentação, os

alunos estavam todos preparados. A professora começa, então, a dinâmica das exposições, colocando a seguinte frase do autor:

> Existem realidades culturais internas à nossa sociedade que podem ser tratadas, e muitas vezes o são, como se fossem culturas estranhas. Isso se aplica não só às sociedades indígenas do território brasileiro, mas também a grupos de pessoas vivendo no campo ou na cidade, sejam lugares isolados de características peculiares ou agrupamentos religiosos fechados que existem no interior das grandes metrópoles. (Santos, 1994, p. 18-19).

Carla queria fazer a observação de que não são somente as sociedades indígenas que sofrem com o fato de serem consideradas "estranhas", mas que outras culturas existentes no território brasileiro também sofrem com isso. As apresentações se iniciam, e cada grupo traz as ideias, as crenças, costumes e práticas daquele povo. Os discentes também agregaram à atividade sugerida alguns objetos e alimentos que são marcantes para tais culturas, o que deixou a aula bastante curiosa e incomum, afinal, é difícil ver docentes propondo esse tipo de atividade e alunos tão dispostos.

Ao final da aula, os alunos aprenderam com a professora várias questões acerca do que se pode entender por cultura. Podemos dizer, não em sua totalidade, que Carla propôs um leve "estudo antropológico". Não realizando o mesmo trabalho que um antropólogo faz, claro. Nele vai existir uma observação participante, com a intenção de estudar *com* as pessoas, a fim de aprender, conviver e estudar profundamente uma sociedade. Mas, podemos extrair e comparar a tarefa posta com uma das falas de Tim Ingold (2019), quando esse autor diz que Antropologia não deve objetivar "produzir conhecimento", mas deve ter como finalidade obter sabedoria. Segundo ele, conhecimento e sabedoria são de alguma forma equivalentes, contudo, podem operar em desacordo.

Logo, pode-se concluir que o "exercício" da professora, no qual aprenderam uns com os outros os costumes, práticas, hábitos – até mesmo criando a oportunidade para que conhecessem e experimentassem comidas e objetos dessas sociedades –, traz uma motivação aos alunos a conhecerem um pouco das culturas que compõem o país onde eles vivem. Não fazendo com que eles tenham o interesse apenas de saber o que fazem e praticam essas sociedades, mas que tenham o desejo de aprender *diretamente* com esses povos, se claro, tiverem a oportunidade. Aqui podemos trazer mais uma das falas de Tim Ingold nesse contexto, destacando como os antropólogos colocam tradicionalmente uma "disposição em aprender com aqueles que, em um mundo obcecado pelo avanço do conhecimento, poderiam ser rejeitados como incultos, analfabetos ou mesmo ignorantes" (Ingold, 2019, p. 4).

Por meio de tudo que foi abordado, podemos colocar muitas outras falas de Tim Ingold nesse enredo, como por exemplo, a de que "levar os outros a sério" não significa apenas se atentar ao que eles fazem e praticam, como foi pontuado anteriormente. Consiste em "encarar os desafios que eles colocam às nossas concepções de como as coisas são, o tipo de mundo em que vivemos e como nos relacionamos com ele" (Ingold, 2019, p. 5).

Podemos concluir de toda essa conjectura que conhecer o outro e suas diferenças vai muito além do que podemos imaginar. É muito mais do que uma aula como a da professora Carla, ou muito mais do que se comemorar um “dia do índio”. Todavia, tais aulas e datas são de suma importância para termos a base, a introdução e a importância acerca de assuntos que a Antropologia pode trazer para a Educação. Para que, assim, professoras como a Carla, aqui descrita como uma personagem em uma história fictícia, tomem parte e engajem seus alunos na luta contra os preconceitos, exclusões e discriminações de povos e culturas.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO